

Juros vão apontar tendência

Arte JB

VLADIMIR GRAMACHO

BRASÍLIA - O movimento das taxas de juros, a partir da próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), em 11 de novembro, vai indicar se o programa de estabilidade fiscal estará alcançando seus objetivos. Se os juros voltarem a cair, ainda que gradualmente, o ajuste estará sendo bem-sucedido. Caso contrário, o governo poderá agravar a recessão econômica em 1999 e dificilmente terá nova chance de sair logo da crise, segundo análise feita ontem por especialistas do governo. As taxas, na avaliação do secretário de Política Econômica, Amaury Bier, contudo, não cairão de imediato. "Os juros não começam a cair já", disse.

Um diretor do Banco Central, porém, acredita que os juros poderão voltar logo ao patamar de 19%, vigente antes da crise a partir de agosto, que atingiu todas as chamadas economias emergentes. "A resposta adequada à crise, com um ajuste rigoroso, pode tornar muito mais rápida a queda nas taxas de juros, que poderão voltar à situação pré-crise antes do fim do ano", avalia o diretor.

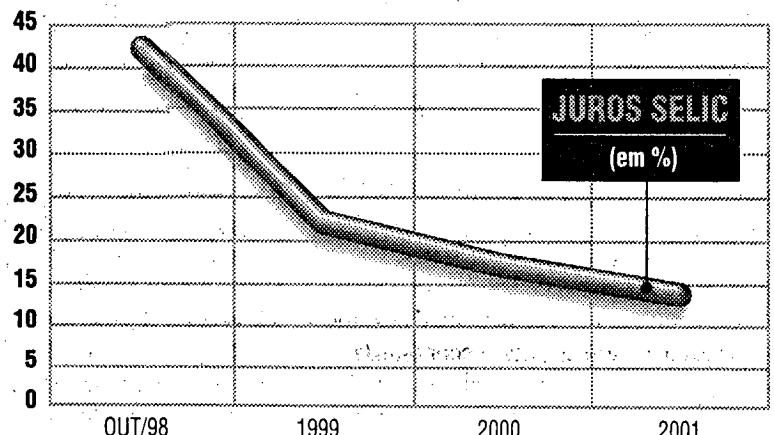
Para o chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes, o ajuste fiscal abre

espaço para a redução das taxas de juros à medida que reduz a percepção de risco dos investidores estrangeiros em relação ao país. "Se cair o *spread* (taxa de risco), os juros podem acompanhar a redução para manter inalterado o ganho dos investidores no Brasil", diz Lopes.

O economista Octávio de Barros, diretor da Sociedade Brasileira de Estudo das Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet), entende que há uma "atmosfera positiva" no mercado financeiro em relação ao ajuste. "Há dois fatores que permitem dizer que agora vai. O primeiro é que o governo não pode errar de novo, depois do fracasso do 'Pacote 51'. E o segundo é que o FMI (Fundo Monetário Internacional) também não pode errar, porque já errou na Ásia", lembra.

Risco - Segundo Barros, o pacote fiscal vai contribuir para reduzir a taxa de risco cobrada pelos investidores para aplicar no Brasil ou comprar títulos da dívida externa brasileira, como os C-Bonds e os IDU (Interest Due and Unpaid). "Acho que o país só tem condições de reduzir os juros, atualmente, se as taxas de risco no exterior também forem reduzidas. E essas taxas de risco vão cair se a impressão do ajuste for positiva", afirma o diretor da Sobeet.

Previsão de queda da taxa nominal de juros



Fonte: Ministério da Fazenda

Em sua última reunião, às vésperas do encontro anual do FMI, em 7 de outubro, o Copom optou por manter inalteradas as taxas básicas de juros. Mas, dentro de duas semanas, no próximo encontro, os diretores do Banco Central, que compõem o comitê, vão discutir a possibilidade de reabrir os empréstimos concedidos pela Taxa Básica (TBC), fechada desde setembro para combater a fuga de dólares. Se essa linha de assistência às instituições financeiras for reaberta, a TBC provavelmente subirá dos atuais 19% ao ano para o patamar da taxa Selic, definida diariamente pelo BC, que já está acima de

42%. O teto dos juros, definido pela Taxa de Assistência do BC (TBAN), está em 49,75% ao ano.

Hoje, o Conselho Monetário Nacional fará uma rápida reunião por telefone para aprovar, entre outras medidas, a autorização para que a Cargill crie um banco comercial destinado a facilitar a venda de produtos agrícolas no exterior. A tradicional reunião de toda a equipe econômica no CMN foi cancelada porque seus integrantes estiveram envolvidos na elaboração do programa fiscal. Por isso, o conselho se reunirá extraordinariamente no próximo dia 5.